

**ESCOLA DE VELHOS TEMPOS, TEMPO DE VELHAS MESTRAS:  
EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E SOCIEDADE EM CORA CORALINA**

**Clovis Carvalho Britto**

Uma leitura dos significados fornecidos pela poesia de Cora Coralina (1889-1985) conduz à identificação de importantes aspectos da história e da sociedade goiana. A longevidade da autora contribuiu para que sua obra manifestasse distintas influências e retratasse elementos que, em conjunto, possibilitam recompor as relações entre gêneros, classes e gerações, as disputas pelo poder, as representações dos modos de vida, valores e crenças, enfim, as mediações entre os indivíduos e a sociedade na qual esteve inserida. As imagens tecidas através de sua criatividade ampliam as perspectivas de análise das lutas travadas nos séculos XIX e XX no interior brasileiro e, num diálogo entre texto poético e contexto sócio-histórico, denunciam e refletem entraves e belezas, desnudando múltiplas e silenciadas nuances da sociedade goiana.

O poema, entendido como forma de representação social, fornece elementos importantes para a reconstrução de relações efetuadas em determinados períodos e espaços sociais e o pesquisador, através da 'interpretação de uma interpretação', detém a faculdade de recompor um significativo aparato de informações. Nesse sentido, a obra de Cora Coralina tem muito a revelar por constituir registro das implicações e contradições de quase dois séculos da sociedade de Goiás. Observando tais considerações, elegemos como referência principal o poema O Beco da Escola, do livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (2001) e, a partir dele, dialogamos com outras fontes que auxiliaram a construção do objeto (interconexões entre história, literatura e sociedade a partir da temática educação).

Como o contexto teria influenciado o texto poético e em que medida o texto expressa esse contexto? As lutas travadas pela inserção, as preferências estilísticas, a adoção de determinadas temáticas e personagens, dentre outras

estratégias no espaço de possíveis, constituem pistas para que encontremos essa resposta. Partindo desse entendimento, pretendemos descortinar instigantes facetas da expressão literária de Cora Coralina. Desse modo, torna-se necessário buscar compreender a obra de arte e, com efeito, pressupõe indagar “a visão de mundo própria ao grupo social a partir ou na intenção do qual o artista teria composto sua obra e que, comanditário ou destinatário, causa ou fim, ou os dois ao mesmo tempo, ter-se-ia exprimido através do artista” (BOURDIEU, 1996, p. 230) por intermédio das transformações estruturais do campo em que tais produções foram criadas. Interessa, portanto, observar como Cora Coralina pensou a sociedade de seu tempo. Quais as temáticas e estratégias utilizadas? Quais os destinatários principais ou privilegiados?

Convém verificarmos as leituras promovidas pelos críticos, resumidas na abordagem de Alencastro (2003), ao demonstrarem que os mecanismos acionados nos poemas de Cora constituem formas que possibilitam subverter a ordem estabelecida, fornecendo novas leituras do homem e do mundo. Seriam instrumentos de humanização do leitor, mesmo que, para tanto, a autora lhe mostre o avesso, os arredores, os marginalizados:

vê-se uma Cora que não se fez poetisa para louvar os grandes, os importantes, o poder institucionalizado: Cora se fez poeta para lembrar à sociedade de Goiás que existe uma periferia marginalizada. (...) A crítica social está pulsando nos poemas da escritora denunciando uma sociedade estratificada e injusta. (...) A sua percepção não é a mesma da infância; alteraram-se os juízos de valor. Portanto, a memória de Cora está amarrada à memória do grupo, e ela procura soltar essas amarras legitimando os grupos marginalizados da sociedade (ALENCASTRO, 2003, p. 86).

É relevante identificarmos o lugar onde ocorrem as relações descritas pelo imaginário da poetisa: a poesia de Cora Coralina é a poesia da cidade de Goiás. Não há como negligenciar o laço umbilical da “aquém-Paranaíba”. A poetisa deixa transparecer sua opção no antológico poema Minha Cidade: “Goiás, minha cidade...”, assim o inicia se revelando cúmplice das situações que descreve. A partir desse entendimento, podemos ousar e dialogar com a

definição de memória topográfica de Willi Bolle (2000), formulada quando identificou na obra de Walter Benjamin afinidades entre as estruturas da cidade e dos indivíduos que nela vivem. Em suas interpretações, história, biografia e mitologia constituiriam fios de um mesmo tecido – a memória. A memória topográfica não reconstruiria os espaços pelos espaços, eles se tornariam pontos de referência para captar experiências sociais e espirituais.

A cidade de Goiás se transformou em palco para o estabelecimento dessa memória repleta de significados, captados e reconstruídos por Cora entre um exercício de afetividade e percepção crítica. Conforme ensina Machado (2002), a cidade possui aspectos físicos e uma vida interior, num mecanismo contínuo que funde a vida com sua configuração espacial. Dessa forma, os aspectos urbanísticos constituiriam fio condutor para a compreensão do que a pesquisadora define como cidade-vida, cidade-história, cidade-sociedade, cidade-cultura. É em busca dessa cidade em suas múltiplas dimensões, que a análise deste artigo se desenvolverá. Pretendemos, a partir do poema O Beco da Escola, evidenciar as relações ocorridas na sociedade goiana e perceber o que a cidade e seus habitantes têm a dizer através dos versos da escritora.

Trilhar os caminhos de Cora é andar descalço nas pedras de sua cidade, ouvir as casas cochichando umas com as outras, folhear um livro portador e provocador de sentidos. De seus escritos emerge uma diversidade de elementos importantes para a compreensão do mundo social. Porém, entendemos que, dentre as cenas repletas de conteúdo sociológico, as imagens do beco se sobressaem no imaginário da autora. Em vários poemas e contos a vida da cidade é traduzida a partir da vida nos becos, dos personagens que nele residem e circulam, das relações e reações que provocam como palco ou bastidor. O beco se contrapunha ao largo. Enquanto os largos eram ligados pelas ruas principais, onde viviam as famílias da sociedade reconhecida, os becos eram construções para facilitar o acesso às ruas, geralmente surgindo na confluência dos quintais e funcionando como repositório de tudo o que a sociedade desejava evitar. O beco é o lugar a partir do qual Cora Coralina desvendou a vida da sociedade de seu tempo.

Segundo Yokozawa (2002), a memória em Cora Coralina é uma memória espacializada, fossilizada no espaço, e o espaço mnemônico da poetisa seria o

espaço da cidade de Goiás, mesmo quando seus textos privilegiam outros rincões brasileiros. Ao perscrutar a memória guardada pela sua cidade a literata teria apreendido uma dimensão humana que desconhece fronteiras regionais, conferindo à sua poesia uma dimensão universal. Observa que os becos constituem um dos espaços de memória eleitos por Cora e conservam as estórias das “vidas obscuras” resgatadas pela sua poesia:

Mesmo quando recupera outros espaços, quando percorre outra geografia que não a goiana, pode-se dizer que a poesia coralineana é, metaforicamente, uma poética dos becos. É o que acontece, por exemplo, quando Cora visita poeticamente o Palácio Conde dos Arcos. (...) No paço, a poetisa encontra não os governantes de província que por lá passaram, mas o índio carajá, um soldado civilizado que, um dia, tendo seus atavismos despertados por um trovão, despiu a roupa e a civilidade e sumiu-se no rumo do Araguaia. É o que acontece também quando Coralina percorre outros sítios, donde desentranha heróis como Lampião, Tiradentes, os judeus errantes e o obscuro Campos Sales, não o ex-presidente, mas um negro sobrevivente da Guerra do Paraguai (YOKOZAWA, 2002, p. 10).

Abraçando essa orientação, passemos à análise poemática com o intuito de relacionar forma expressiva e temporalidade alargando as possibilidades hermenêuticas a partir da aproximação entre ciência e literatura. Desse modo, pretendemos iluminar alguns aspectos da obra coralina de modo especial os relacionados à educação na Goiás do início do século passado.

### **O Beco da Escola: educação e tradição**

A imagem do beco evidencia a consciência crítica da poetisa. É o relicário da história e, por isso, os sentimentos provocados para intitular seu primeiro livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (2001). A partir dos becos, Cora construiu as outras estórias e histórias revelando Goiás – cidade e Estado – para além da Serra Dourada e dos limites do Paranaíba. Na série sobre os becos ao contar o considerado “errado da sua terra”, Cora Coralina se debruça

sobre outra “válvula coronária da cidade”: o Beco da Escola. Correlaciona, desse modo, educação e tradição em Goiás, na transição dos séculos XIX e XX:

Um corricho, de passagem,  
um dos muitos vasos comunicantes  
onde circula a vida humilde da cidade.  
Um bequinho de brinquedo, miudinho.  
Chamado no meu tempo de menina  
- beco da escola.

Uma braça de largura, mal medida.  
Cinqüenta metros de comprimento... avaliado.  
Bem alinhado. Direitinho.  
Beco da escola... (CORALINA, 2001, p. 108).

A poetisa indica o beco como destino da vida humilde da cidade. Porém, deixa antever os aspectos que serão trabalhados: a educação em Goiás no seu “tempo de menina”. Na verdade, os processos educativos são evidenciados em diversos poemas e contos da escritora, compreendidos como formas de “salvação social”, abordando as relações entre educação infantil e trabalho, métodos, castigos, a qualidade do ensino, as dificuldades dos alunos, a importância do professor e da universidade, dentre outros aspectos. De acordo com Silva (2003), nos poemas sobre a educação, Cora Coralina utiliza uma impressionante carga de lirismo, registrando o tempo da emoção e miniaturizando espaços memoráveis. Destacando O Beco da Escola, revela uma consubstanciação entre lirismo, tempo e espaço e, quando poetiza o espaço e o vivido, afirma que Cora teria reconstruído as memórias de sua infância a partir da memória escolar e social.

Mas o que teria ficado de significativo na memória da escritora a respeito das relações entre educação e sociedade na Goiás de seu tempo? Para responder ao questionamento, torna-se necessário apresentarmos um esboço de alguns aspectos da história da educação nos séculos XIX a XX na cidade de Goiás.

Para Bretas (1991), os primeiros anos da República, em relação ao ensino público, nada de útil e efetivo pôde ser efetuado, já que Goiás se limitava a seguir a rotina do Império que se pautou em índices insatisfatórios, em um número reduzido de escolas, falta de qualificação e baixa remuneração dos

professores e escassez de recursos. O aspecto de improvisação da educação pública contribuiu para que a “boa sociedade” lutasse para que no setor particular fosse criado um ensino adequado à moral dominante, que promovesse a separação das famílias tradicionais, abolisse as escolas mistas e possibilitasse a orientação religiosa, pois o ensino do catecismo nas escolas públicas havia sido proibido com a separação entre Estado e Igreja Católica. Respondendo a esses chamados, destaca-se a criação do Colégio Santana pelas irmãs dominicanas, já que “um educandário de nível secundário para moças, vinha sendo, de longa data, reclamado pelas famílias da capital, visto que, de modo nenhum, matriculariam suas filhas no Liceu, cujos alunos eram tidos como indisciplinados e desrespeitadores” (BRETAS, 1991, p. 442).

Segundo Gonçalves (2004), com a implantação do Colégio Santana as famílias que tinham sérias restrições à qualidade do ensino público e, principalmente, ao fato de a escola pública ser mista, acorreram para a escola particular. Exemplificando essa situação, destaca que o número de matrículas, que já era reduzida na Escola Normal Oficial, chegou a zero em 1917, enquanto a escola católica iniciou seu funcionamento, em 1915, com 35 alunas. A autora afirma que da parte da Igreja o argumento utilizado para se investir no ensino era a necessidade de atender às leis naturais que exigiam da mulher uma educação inferior à do homem e nunca uma co-educação (escola mista). Nessa perspectiva, cita a Encíclica *Divini Illius Magistri* de 1927, de Pio XI, que condenava a educação mista:

De modo semelhante e errôneo e pernicioso à educação cristã, é o chamado método de “co-educação”, baseado para muitos numa deplorável confusão de idéias, que confunde a legítima convivência humana com a promiscuidade e igualdade niveladora. O Criador ordenou e dispôs a convivência dos dois sexos somente na unidade do matrimônio e gradualmente distinta na família e na sociedade. Além disso, não há, na própria natureza que os fez distintos em inclinações e aptidões, nenhum argumento de onde se possa deduzir que possa ou deva haver promiscuidade e muito menos igualdade na formação dos dois sexos (GONÇALVES, 2004, p. 48).

A orientação à época privilegiava a educação masculina porque as mulheres poderiam fazer mau uso da leitura e da escrita. Todavia, Teles (1995)

informa que a partir de 1900 (provavelmente devido aos reflexos do Colégio Santana) se verificou em Goiás uma crescente ascensão da mulher nos quadros sociais e às atividades intelectuais. Compete, porém, ressaltar que o acesso a essa educação moralizadora era dispensado apenas às integrantes das “famílias de conceito”. Enquanto as moças estudavam no colégio particular, os rapazes eram formados pelas escolas públicas. Todavia, existia em Goiás outro tipo de educandário: as escolas dos denominados mestres ou mestras.

Escola de velhos tempos.  
Tempos de velhas mestras.  
Mestra Lili. Mestra Silvina. Mestra Inhola.  
Outras mais, esquecidas mestras de Goiás.

Mestra Lili... o seu perfil:  
Miudinha, magrinha.  
Boa sobretudo. Força moral.  
Energia concentrada. Espírito forte.  
O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória,  
Afeiçoara-lhe o conjunto  
- enérgico, varonil.

A escola da mestra Lili  
era mesmo naquela esquina.  
Casa velha – ainda hoje a casa é velha.  
Janelas abertas para o beco.  
Sala grande. A mesa da mestra.  
Bancos compridos, sem encosto.  
Mesa enorme dos meninos escreverem  
lições de escrita.  
De ruas distantes a gente ouvia,  
quartas e sábados, cantada em alto coro  
a velha tabuada.

O bequinho da escola  
lembra mestra Lili.  
Lembra mestra Inhola.  
Lembra mestra Silvina.  
Sá Mônica. Mestra Quina. Mestra Ciriáca.

Esquecidas mestras de Goiás.  
Elas todas – donzelas,  
sem as emoções da juventude.  
Passavam a mocidade esquecidas de casamento,  
Atarefadas com crianças.  
Ensinando o bê-a-bá às gerações (CORALINA, 2001, p. 108).

Questões que podem ser evidenciadas quando consultamos as pesquisas de Gonçalves (2004) ao estudar as modalidades de instrução primária em Goiás até meados de 1920. A pesquisadora destaca o costume familiar de contratação de um professor para cuidar da escolarização das crianças que era denominado mestre e seria dessa modalidade de ensino que se teria originado o ensino particular em Goiás. O hábito do ensino na casa do contratando evoluiu, assim, para o costume de formação das escolas na casa do professor. Tais escolas passaram a ser identificadas pelo nome do professor ou por sua alcunha a exemplo da Escola da Mestre Nhola (Pacífica Josefina de Castro), a Escola da Mestra Silvina (Silvina Ermelinda Xavier de Brito) e da Escola de Mestre Pátroclo (Gabriel Pátroclo), dentre outras, conforme destaca a poética coralina e pesquisas relacionadas à história da educação em Goiás a exemplo da dissertação de Prudente (2009).

Em sua poesia, Cora Coralina relembra, a partir da lembrança do Beco da Escola, as “esquecidas mestras de Goiás”: “boa sobretudo, força moral, energia concentrada, espírito forte, o hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória...”, “donzelas, sem as emoções da juventude, esquecidas do casamento...”. Em outros textos, complementa a descrição dos professores: “A escola da Mestra Silvina... Tão pobre ela. Tão pobre a escola...” (CORALINA, 1997a, p. 123). “O mestre era o tipo perfeito do pedagogo daquele tempo. Trigueiro, atarracado, de bigode ralo, falava de soco e nas conversas triviais gostava de empregar termos eruditos” (CORALINA, 2000, p. 34).

Nos poemas, também descreve com minúcia como eram os espaços das casas/escolas. Conforme relata Gonçalves (2004), as escolas públicas e particulares funcionavam em casas residenciais, velhos casarões remodelados, compradas ou alugadas para tal fim. Em função das características da organização do sistema de ensino, da falta de professores habilitados e da improvisação dos espaços físicos e materiais, na prática, prevaleceu em Goiás uma amálgama de distintos métodos ou o denominado ensino individual. No tocante à disciplina, constata nas escolas públicas uma cultura de aplicação de penalidades aos infratores das regras escolares, registrando o regulamento do



ensino primário de 1918, publicado no *Correio Oficial*, que dispunha, no seu artigo 149, as penas aos alunos:

1) admoestação, 2) repreensão, 3) más notas nos boletins mensais, 4) exclusão dos prêmios escolares, 5) privação parcial do recreio, por 20 minutos no máximo, 6) reclusão, na escola, depois de concluídos os trabalhos escolares, sob a vigilância dos professores, pelo espaço máximo de meia hora, 7) suspensão da freqüência, até três dias, com aviso aos pais, tutores e protetores, 8) eliminação da matrícula (GONÇALVES, 2004, p. 62).

Já nas escolas das mestras, retratadas por Cora, as penalidades se restringiam às aplicações da palmatória: "A granel? Não, que a Mestre era boa, velha, cansada, aposentada. Tinha já ensinado uma geração antes da minha" (CORALINA, 2001, p. 61). Geralmente eram professoras aposentadas das escolas públicas que, para complementar a renda, abriam escolas em suas residências. As mestras e suas escolas foram temas constantes das poesias e entrevistas da poetisa:

Aposentada, com aposentadoria pequena, insuficiente para a sua sobrevivência, abriu uma escolinha particular e suas ex-alunas matricularam lá seus filhos como no meu caso. (...) A mestra era sempre muito paciente, mas, cansada, já tinha ensinado a uma geração antes da minha, merecia um descanso que a condição financeira não lhe permitia (CORALINA, 1981, p. 142).

Tive uma velha mestra que já  
havia ensinado uma geração  
antes da minha.  
Os métodos de ensino eram  
antiquados e aprendi as letras  
em livros superados de que  
ninguém mais fala (CORALINA, 1997b, p. 74).

O beco, mesmo quando possuía uma denominação supostamente positiva, a exemplo do Beco da Escola, continuava a funcionar como baliza, referência da escola da mestra, e limite, já que as mestras eram mulheres pobres e solteiras:

O beco da escola é uma transição.  
Um lapso urbanístico  
entre a Vila Rica e a Rua do Carmo.

Tem janelas.  
Uma casinha triste de degraus.  
Velhos portões fechados, carcomidos.  
Lixo pobre.  
Aqui, ali, amparadas no muro,  
umas aventureiras e interessantes flores de monturo.  
Velhas mestras... Velhas infâncias...  
Reminiscências vagas...(CORALINA, 2001, p. 109).

Serviam como acesso às ruas principais, porém, dentre os becos de Goiás ocorreu um “lapso urbanístico”, visto que o da Escola ligava um beco a uma rua (o Beco da Vila Rica e a Rua do Carmo). Essa característica fez a poetisa considerá-lo como um dos mais singulares e autênticos da cidade:

O bequinho da escola brinca de esconder.  
Corre da Vila Rica – espia a Rua do Carmo.  
É um dos mais singulares e autênticos becos de Goiás.  
Tem a marca indisfarçada dos séculos  
e a pátina escura do Tempo.  
Beco recomendado a quem busca o Passado.  
Recomendado – sobretudo –  
aos poetas existencialistas,  
pintores, a Frei Nazareno.  
Tem portões vestidos de velhice. Tem bueiro.  
Tem muros encarquilhados,  
Rebuçadinhos de telhas.  
São de velhas donas credenciadas  
de velhas descendências  
- guerreiros do Paraguai.  
Bem estreito e sujo  
como compete a um beco genuíno.  
Esquecido e abandonado,  
no destino resumido dos becos,  
no desamor da gente da cidade (CORALINA, 2001, p. 110).

Ressaltando os becos como relicários da história, Cora Coralina demonstra que, apesar de possuírem um destino resumido pautado no desamor e no abandono, neles pode ser encontrada a “marca indisfarçada dos séculos”, a história silenciada da cidade. O limite social é apontado na evocação dos muros e portões pertencentes às pessoas da sociedade reconhecida – descendentes dos guerreiros do Paraguai – em contraposição aos personagens humildes que nele circulavam e viviam confinados.

A poetisa conclama pintores, destacando Frei Nazareno, para também se deterem na imagem dos becos. Giuseppe Nazareno Confaloni colocou Goiás no mapa da arte moderna e expressou um signo de transição: pioneiro do modernismo nas artes plásticas goianas influenciou toda uma geração na Escola de Belas Artes de Goiás e na Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás onde lecionava desenho e artes plásticas. O frei italiano se transferiu para a cidade de Goiás em 1950, onde pintou os afrescos da Igreja do Rosário, considerados algumas de suas obras primas: "designado para pároco da Igreja do Rosário, onde iniciou a pintura, na técnica de afresco, de quinze painéis e o altar-mor, representando os Mistérios do Rosário numa visão contemporânea que a princípio chocou a população local, pouco acostumada às correntes modernistas" (MENDONÇA, 1998, p. 41). As artes modernas representaram uma ruptura dos padrões estéticos marcados pela rigidez formal. Assim como Confaloni inaugurou uma tendência nas artes plásticas em Goiás, Cora se apropriou na literatura das influências modernistas e estabeleceu diálogos com temáticas até então consideradas não-poéticas, daí a recomendação dos becos.

As reflexões da autora revelam mais uma característica esclarecedora: além de serem recomendados a quem busca ao passado, por possuírem grafados a história da cidade-vida, os becos são recomendados, sobretudo, aos poetas existencialistas. Os questionamentos acerca da existência humana e do autoconhecimento promovidos pelos filósofos contribuíram para que nas primeiras décadas do século XX surgisse a escola existencialista que mesclava um pensamento compromissado com a aceitação da consciência formadora da essência humana. Para Jean-Paul Sartre (1987), a existência precede a essência, ou seja, o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo e só depois se define. O desejo de estar vivo provocaria uma atitude de mudança pautada no descontentamento e na náusea e evidenciaria um engajamento, tornando-se uma filosofia solidária que reconheceria os mistérios do ser compartilhando-os. Desse modo, é significativa a recomendação de Cora aos existencialistas, pois os becos poderiam inspirá-los à solidariedade com os desencantos do homem diante do nada.

Avaliando a inquietude na poesia de Carlos Drummond de Andrade, Antônio Cândido (1970) deteve suas observações no poema A Flor e a Náusea.

Entende que o livro *A náusea*, em que o personagem superaria o tédio promovido pela incontingência da vida através da arte, aproximaria o poeta aos conceitos de Sartre. Segundo afirma, quando Drummond fala sobre a náusea, a supera na simbologia da flor que, em seu desabrochar, promoveria uma revolução: "Uma flor nasceu na rua! (...) É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio" (ANDRADE, 2002, p. 37). Na série sobre os becos, Cora também utiliza a flor, as boninas, como mecanismo de superação da "náusea" provocada pelo abandono e pela aversão aos monturos, contribuindo ao entendimento de que, através da sensibilidade artística, pode-se descobrir a vida onde antes o ser não a reconhecia. Porém, a autora não se limita a recomendar e conclamar os existencialistas, convoca pintores e poetas de outras vanguardas:

Poetas e pintores  
românticos, surrealistas, concretistas, cubistas,  
eu vos conclamo.  
Vinde todos cantar, rimar em versos,  
bizarros, coloridos,  
os becos da minha terra.  
Ao meio-dia desce sobre eles,  
vertical,  
um pincel de luz,  
rabiscando de ouro seu lixo pobre,  
criando rimas imprevistas nos seus monturos (CORALINA, 2001,  
p. 110).

Além de subverter os padrões dominantes ao reverenciar coisas desprezadas como os becos, o lixo pobre e seus monturos, a poeta ainda convoca outros "recém-chegados", para fazerem o mesmo. Estudando a força criadora da poetisa, Pesquero Ramon (2003) escreve que, ao desvelar a riqueza do banal e do obscuro, do discriminado e rejeitado, Cora demonstra a dimensão moderna de seu texto, resgatando um estatuto de significação existencial e humana. Seria uma atitude subversiva que a aproximaria a dois movimentos da arte moderna: o dadaísmo e o surrealismo. O autor identifica na obra pontos de contado com o dadaísmo pela atitude reivindicatória e pela defesa do socialmente excluído; e com o surrealismo pela aproximação do lado social ao espírito humano na descoberta da supra-realidade dos significados existenciais escondidos nas coisas relegadas.

Cora Coralina, além de conclamar outros artistas a encontrarem nos becos matérias-primas para suas obras, novamente destaca os sentimentos de aversão que provocam no imaginário da cidade, caracterizando-os:

De noite... noite de quarto,  
a cidade vazia se recolhe  
num silêncio avaro, severo.  
Horas antigas do passado.  
- Concentração.  
Almas penadas doutro mundo.  
Procissão das almas  
vai saindo da porta fechada das igrejas.  
Vem vindo pelas ruas.  
Desaparecem pelas esquinas.

Responsam pelos becos.  
Altas visagens: assombração...  
O diabo no corpo...  
Lobisomem...

Simbolismo dos velhos avatares (CORALINA, 2001, p. 111).

Relembrando as lições de Durand (1989), a produção imaginária seria uma reação contra a certeza da morte e, o imaginário, a forma com que o homem realizaria seu confronto com a temporalidade. Nesse sentido, a associação dos becos ao inexplicável, ao místico, confere ao espaço e a seus habitantes ares de restrição, mistério e distanciamento. Se durante o dia não convinha às mulheres caminhar pelas ruas, pois seriam reprimidas pelos mais velhos, pais ou esposos, à noite a repressão era duplamente instituída: aliada a essa proibição imposta pela família e pela sociedade, surgia um elemento sobrenatural que auxiliava a moral dominante. Se os becos eram os locais da escória e onde se realizavam práticas sociais não aceitas no universo do lar, não conviria que os integrantes da sociedade reconhecida comungassem com essas ações. Deveriam temer as "almas do outro mundo", fator que os afastariam e os preservariam dessas "regiões morais". Porém, segundo Cora Coralina, tornava-se necessário realizar o trajeto oposto: investigar essas regiões, compreender seus simbolismos, seu destino resumido e o desamor da gente da cidade, pois os becos representariam um inventário dos obscuros.

## Educação, história e sociedade em Cora Coralina

A análise do universo imaginário de Cora Coralina nos possibilitou reconhecer a sua literatura como uma fonte privilegiada de conhecimento das relações histórico-sociais em Goiás, na transição dos séculos XIX e XX. Explorando o texto literário, percebemos que a poetisa realizou um retrato de sua sociedade que diverge, muitas vezes, do comumente desenvolvido por outros analistas. A autora tinha consciência de que era necessário promover uma revisão da história oficial e, através de sua poesia, efetuou um rearranjo, evidenciando aspectos e personagens até então destinados ao esquecimento. O compromisso com a memória, através do diálogo com as "vozes obscuras", lhe proporcionou reflexões sobre seu tempo e lugar que, além de terem singularizado a narrativa, constituíram a sua grande contribuição literária.

Sua estética, marcada por um aparente despojamento, reflete o que Machado identificou em Lima Barreto como "sensibilidade sociológica". Em sua perspectiva, a emergência dessa sensibilidade estaria atrelada às transformações que caracterizaram o processo de formação e consolidação da vida moderna no Brasil. Partindo desse entendimento, Cora e outros escritores teriam realizado uma opção temática pelos marginalizados por estarem, assim como os clássicos da sociologia, "estritamente vinculados às condições de emergência e configuração da sociedade capitalista no Brasil" (MACHADO, 2002, p. 8). Acreditamos que, tal como Lima Barreto, a inserção marginal da autora teria sido fundamental para a adoção de um posicionamento crítico e para a realização do seu projeto literário.

Essa percepção estabelece pontos de contato com o que Bosi denomina poesia-resistência. Segundo afirma, toda grande poesia moderna apresenta uma forma de resistência simbólica aos discursos dominantes, "a consciência, quando amadurece e se aguça, chega à encruzilhada: ou a morte da arte, ou a reimersão no mundo-da-vida" (BOSI, 2000, p. 184). Uma das suas marcas constantes seria a *coralidade*: o poema assumiria o destino dos oprimidos no registro de sua voz. O coro dos dominados que conquistam voz no *tu*, no *vós* e no *nós* da poesia. É o que Cora faz, muitas vezes, em sua obra, conferindo aos oprimidos uma dignidade lírica, um "heroísmo poético que reabilita a periferia, a marginalidade, a clandestinidade, a poesia coralineana subverte e reorganiza a

história oficial” (YOKOZAWA, 2002, p. 6). Em O Beco da Escola, Cora deteve seu olhar na educação a partir do papel, confinado aos becos (em sentido metafórico), das velhas mestras. Mestras que eram personagens triplamente à margem na sociedade goiana: por serem mulheres, por não possuírem boas condições financeiras e por serem solteiras. Referências, muitas vezes, esquecidas no estudo da tradição educacional em Goiás.

Como os becos, Cora tornou-se porta-voz da história de Goiás e, sua obra, eterna referência “ontem, hoje, amanhã, no século que vem, no milênio que vai chegar” da literatura constituída no coração do Brasil. Nas palavras de Drummond, Cora Coralina pode ser comparada a uma estrada em que “passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. (...) Um ser geral, ‘coração inumerável’, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia” (ANDRADE, 1997, p. 21). Foi nessa estrada que se procurou trilhar esperando contribuir para que outros “viajantes” sintam-se também tocados a percorrer os caminhos.

### **Referências Bibliográficas**

ALENCASTRO, Jane. Memórias de Aninha. *In*: SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; MAMEDE, Maria Goreth F. (Orgs.). *Leitura: teorias e práticas*. Goiânia: Editora Vieira, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Cora Coralina, de Goiás. *In*: CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 6. ed. São Paulo: Global, 1997.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRETAS, Genesco Ferreira. *História da instrução pública em Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

CÂNDIDO, Antônio. *Inquietudes na Poesia de Drummond*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20. ed. São Paulo: Global, 2001.

CORALINA, Cora. *O tesouro da casa velha*. 3. ed. São Paulo: Global, 2000.

CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. 6. ed. São Paulo: Global, 1997a.

CORALINA, Cora. *Meu livro de Cordel*. 8. ed. São Paulo: Global, 1997b.

CORALINA, Cora. Cora Coralina: depoimento e antologia. *Revista Goiana de Artes*, UFG, v. 2, n.º 2, jul/dez 1981.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

GONÇALVES, Ana Maria. *Educação secundária feminina em Goiás: intramuros de uma escola católica (Colégio Sant'Ana – 1915/1937)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2004.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MENDONÇA, Belkiss Spenciere C. de. Sociedade Pró-Arte de Goiaz. *In: MENEZES, Amaury (Org.). Da caverna ao museu: dicionário de artes plásticas em Goiás*. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998.

PESQUERO RAMON, Saturnino. *Cora Coralina: o mito de Aninha*. Goiânia: Ed. da UFG; Ed. da UCG, 2003.

PRUDENTE, Maria das Graças Cunha. *O Silêncio no Magistério - Professoras na Instrução Pública na Província de Goyaz, Século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SILVA, Rita de Cássia da. Uma leitura interdisciplinar da poética de Cora Coralina. *In: SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; MAMEDE, Maria Goreth F. (Orgs.). Leitura: teorias e práticas*. Goiânia: Editora Vieira, 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. *Estudos goianos II: A crítica e o princípio do prazer*. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

YOKOZAWA, Solange Fiúza Cardoso. Confissões de Aninha e memória dos becos: a reinvenção poética da memória em Cora Coralina. *Anais do Terceiro Encontro de Professores de Letras do Brasil Central*. Brasília, Universidade de Brasília, out. 2002.